



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
DIREÇÃO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA DA COORDENAÇÃO DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLITICAS PÚBLICAS DE IGUALDADE
RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR.**

JOANA DARC MACIEL DE LIMA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-
BRASILEIRA**

Redenção- 2016



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
DIREÇÃO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS
DE IGUALDADE RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR**

JOANA DARC MACIEL DE LIMA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-
BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Políticas Públicas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar- UNIAFRO da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Prof. Orientador: Carlindo Fausto

Redenção-2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

L696p
Lima, Joana Darc Maciel de.

O processo de construção da identidade afro-brasileira. / Joana Darc Maciel de Lima. –
Redenção, 2016.

47 f.: il.; 30 cm.

Monografia do Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial da Diretoria de Educação
a Distância da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Carlindo Fausto.
Inclui referências.

1. Cultura afro-brasileira. 2. Identidade afro-brasileira. I. Título.

CDD 305.896081

DEDICATÓRIA

À minha família, que sempre me incentivou a nunca desistir dos meus sonhos e que esteve presente em todos os momentos da minha vida, apoiando-me com empenho e carinho em todas as decisões da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiro a Deus, por sempre estar presente em minha vida, não apenas nos momentos felizes, mas principalmente nos mais difíceis. Aos meus pais, e irmãos pelo incentivo, paciência, carinho e apoio que me foram dados no decorrer de todo o curso. Ao professor Carlindo Fausto pela orientação e dedicação. Aos meus professores da Especialização em Políticas Públicas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar, pela contribuição para a minha formação. Aos meus colegas da especialização, pelo agradável convívio e amizade construída durante o curso.

“Existe uma história do povo negro sem o Brasil mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro”
(Januário Garcia)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre a formação da identidade afro no Brasil, mostrando que desde o processo da colonização houve o cruzamento entre povos e culturas diferentes possibilitando assim o nascimento e a formação de uma população afro-brasileira. A construção desta identidade é aqui apresentada como um processo, uma construção que depende ou está voltada para o tempo e a sociedade na qual o indivíduo está inserido. Visando compreender e entender o difícil processo de construção da identidade Afro-brasileira, levaremos em consideração as ideologias predominantes do fim do século XIX e meados do século XX. Tais ideologias, elaboradas pela elite brasileira, dificultaram a construção desta identidade. O presente estudo tem como hipótese que essas ideologias se justificavam pelas discussões acerca da origem da espécie humana. Segundo elas, as diferenças étnicas seriam fruto da superioridade ou da inferioridade de determinados grupos humanos sobre outros. Nesse sentido, muitos cientistas passaram a desenvolver argumentos que justificavam a inferioridade da população que não fosse de uma sociedade totalmente branca. E por último apresentaremos a fragilidade da teoria da mestiçagem como possibilidade de construção de uma identidade brasileira. Por meio desta teoria procuraremos responder ou problematizar a seguinte questão: como falar especificamente em identidade afro-brasileira? Ou melhor ainda: como formar uma identidade afro-brasileira se os indivíduos envolvidos neste processo nem sempre tem assumido a sua negritude?

Palavras-Chave: mestiçagem, ideologias, cultura, identidade-afro.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the formation of african identity in Brazil, showing that since the colonization process was the crossroads of peoples and cultures making possible the birth and formation of an african-Brazilian population. The construction of this identity is presented here as a process, a construction that depends on or is facing the time and society in which the individual is inserted. Seeking to understand and understand the difficult process of construction of the Afro-Brazilian identity, we will take into account the prevailing ideologies of the end of the nineteenth and mid-twentieth century. Such ideologies, developed by the Brazilian elite, made it difficult to build this identity. This study has the hypothesis that these ideologies were justified by the discussions about the origin of the human species. According to them, ethnic differences would be the result of the superiority or inferiority of certain human groups over others. In this sense, many scientists began to develop arguments justifying the inferiority of the population that was not a fully white society. Finally we present the weakness of interbreeding theory as a possibility of building a Brazilian identity. Through this theory we try to answer or discuss the question: how to speak specifically on african-Brazilian identity? Or better yet, how to form a african-Brazilian identity if the individuals involved in this process has not always assumed their Blackness?

Keywords: miscegenation, ideologies, culture, identity-african.

JOANA DARC MACIEL DE LIMA

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Políticas Públicas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nome
Instituição

Prof. Dr. Nome
Instituição

Prof. Dr. Nome
Instituição

Redenção- 2016

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1- A PRESENÇA DOS AFRICANOS NO BRASIL.....	13
1.1- A CHEGADA DOS AFRICANOS NO BRASIL.....	13
1.2- A CONTRIBUIÇÃO AFRICANA NA FORMAÇÃO DA CULTURA E DO SER DO BRASILEIRO	17
1.3- “OS AFRICANOS” PARTE INTEGRANTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA	20
2.0- TEORIAS QUE DIFICULTARAM A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO- BRASILEIRA.....	22
2.1- A MISTIÇAGEM.....	23
2.2- O BRANQUEAMENTO.....	28
2.3-CONSEQUENCIAS DESTAS TEORIAS.....	31
3.0- A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA.....	33
3.1- A IMPORTANCIA DA AUTOAFIRMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO IDENTIDADE AFRO	34
3.2- O RECONHECIMENTO DA PLURALIDADE ÉTNICA E CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE AFRO	36
3.3- A IDENTIDADE NACIONAL COMO NEGAÇÃO DE UMA IDENTIDADE AFRO.....	39
4.0- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
5.0- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva refletir e analisar a construção da identidade afro-brasileira. A preocupação com essa temática surgiu a partir do momento que se observou a dificuldade do próprio brasileiro em assumir a relevância da cultura negra na formação do Brasil, assim nos debruçaremos sobre algumas questões como saber o que seria esta identidade afro-brasileira, o porquê de muitos brasileiros não assumirem esta identidade, investigar os motivos que levaram a mestiçagem a ser entendida como símbolo da identidade nacional, assim como saber quando se iniciou a construção desta identidade.

A questão central deste estudo consiste em perceber quais as principais contribuições que os diversos povos que chegaram ao Brasil no período da colonização legaram ao ser brasileiro na formação da sua identidade, assim como desmitificar a miscigenação como uma ideia que abraçaria e acolheria todas as etnias, nesta mesma linha apresentaremos a identidade negra como possibilidade de rompimento com as ideias preconceituosa presentes na teoria da miscigenação.

Consideramos importante o aprofundamento do discurso sobre as identidades, existentes no Brasil, uma vez que ao assumir esta identidade colaboramos para a extinção das ideias racista que circulam e ainda circula na sociedade brasileira, ideias estas que subjugarão e ainda subjugarão grande parte da população desde o período colonial até os tempos atuais, além disso, estes discursos podem convidar todos os segmentos desta mesma sociedade a participar deste debate, buscando o reconhecimento do negro como um dos principais sujeito da formação da nossa identidade.

Assim, objetivamos com este TCC, mostrar que: um país com uma imensa pluralidade étnica- cultural e social como é o caso do Brasil não poderia de forma alguma resultar em uma única identidade, que a identidade negra vem sendo negado até mesmo pelo próprio segmento negro, que a construção da identidade negra se inicia com a vinda dos escravos da África para trabalhar na América como mão-de-obra, compreender que esse processo de formação da identidade pode ser apresentado como resgate de valores e costumes da raça negra que construiu a história da

cultura brasileira pautada inúmeras vezes na ideia de submissão de seus valores e comportamentos e enfim demonstrar que é a identidade afro e como esta identidade poderia acolher as pluralidades presentes nas identidades brasileiras, valorizando e respeitando as suas diversidades.

Assim o presente TCC está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo apresentaremos os fatores que possibilitaram a chegada dos africanos em solo brasileiro, assim como, as colaborações dos africanos na construção da sociedade brasileira. No segundo capítulo mostraremos algumas teorias que dificultaram a construção da identidade afro brasileira e no terceiro capítulo veremos como foi possível a construção de uma identidade que pudesse acolher as pluralidades e diversidades culturais encontradas no Brasil.

1.0- A PRESENÇA DOS AFRICANOS NO BRASIL.

No primeiro capítulo apresentaremos um breve percurso histórico descrevendo alguns fatores que possibilitaram a chegada do negro ao Brasil, assim como a injusta e desumana forma de vida a qual foram submetidos, mostrando que ao longo da história o africano escravizado foi considerado uma máquina de trabalho e como um produto de grande valor desprovido da condição humana e, como tal, tratado sem a menor preocupação com condições de saúde e sobrevivência, desde sua saída da África até o seu uso intensivo na exploração colonial.

Também apresentaremos as colaborações do elemento negro na formação da sociedade brasileira levando em consideração as principais culturas desembarcadas em solo brasileiro, uma vez que a valorização e o reconhecimento destas contribuições constituem o ponto de partida para compreendermos o quanto esta cultura influenciou a nossa história. Procuraremos ainda, mesmo que resumidamente, apresentar alguns grupos étnicos e as possíveis culturas trazidos para o Brasil através do tráfico de escravos.

E por fim mostraremos que no Brasil essas culturas sofreram a influência da cultura europeia e indígena. Onde os traços fortes desta mistura desta cultura podem ser encontrados hoje em variados aspectos da cultura brasileira, como a música popular, a religião, a culinária, o folclore e as festividades populares. E para concluir mostraremos que o negro se tornou parte essencial da sociedade brasileira.

1.1- A CHEGADA DOS AFRICANOS AO BRASIL.

A chegada de Colombo a América, em 1498, e a invasão do Brasil por Pedro Álvares Cabral, em 1500, são marcos históricos importantes que resultaria em signifi-

cativas transformações. Foi nesse contexto que iniciou-se a captura de africanos, trazidos para trabalhar em regime desumanos nas terras do Novo Continente. Durante este período aproximadamente 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanos foram transportados para as Américas. É importante mencionar que esse número não corresponde aos que não conseguiram sobreviver a difícil travessia atlântica.

Assim de acordo, com dados históricos, grande parte dos africanos capturados desembarcaram em portos brasileiros. Desta forma é possível afirmar que nenhum outro país esteve tão relacionado ao continente africano por meio do tráfico negreiro como o Brasil. A triste e longa viagem a qual os africanos foram submetidos ligou para sempre este continente com o Brasil, tornando o nosso país um dos grandes defensores ou propagandas deste processo desumano.

Ao chegar ao Brasil os colonos portugueses recorreram inicialmente a exploração indígena onde o trabalho escravo passou a ser desenvolvido pelos povos nativos. As comunidades indígenas que aqui se encontravam e que não aderiam a educação jesuítica era sujeita a escravidão. Embora o processo de escravização tenha sido difícil e desumano muitas comunidades indígenas lutaram e se rebelaram contra esse movimento, que resultou na diminuição de escravos indígenas levando os colonos portugueses a substituí-los pelos africanos. Outros motivos também possibilitaram esta substituição.

As epidemias dizimaram grande número dos que trabalhavam nos engenhos ou que viviam em aldeamentos organizados pelos jesuítas. A fuga dos índios para o interior do território provocou aumento dos custos de captura e transporte de cativos até aos engenhos e fazendas do litoral. Além do mais, o apresamento não atendia ao interesse da Coroa portuguesa de ligar o Brasil ao comércio europeu e africano. O apresamento de indígenas era uma atividade exclusiva dos colonos, dele ficava de fora o grande comerciante sediado em Portugal ou aquele que atuava no tráfico africano. Para completar, nenhuma comunidade indígena se firmou como fornecedora regular de cativos, o que dificultou a formação de redes comerciais que pudessem atender à demanda crescente de mão-de-obra (ALBUQUERQUE, FRAGA, 2006, p.41)

Tendo como referência a citação acima, Albuquerque e Fraga alegam que a substituição do africano pelo índio não resultou no fim da escravidão indígena porém a mesma impulsionou os portugueses para o tráfico africano, assim os africanos foram

trazidos para o Brasil como o objetivo de substituir os indígenas na exploração das riquezas tropicais e minerais encontradas nas nossas terras. Desta forma os africanos escravizados foram sujeitos a péssimas condições de vida e maus-tratos, estes eventos tiveram como consequência alto índice de mortalidade infantil e baixa expectativa de vida dos sujeitos envolvidos neste processo. Assim como os índios os africanos também se revoltaram contra o processo de escravização, porém este processo continuava bastante forte na sociedade colonial.

Desta forma o enorme número de escravos entrados no Brasil contribuiu fortemente para o desenvolvimento da população, para o crescimento econômico e para a formação da cultura brasileira. Segundo Diégues (1977 p. 101), os primeiros negros que chegaram em terras brasileiras foram enviados para Bahia e Pernambuco, onde as atividades designadas como a lavoura de algodão, a atividade doméstica e a economia açucareira, que estavam em grande desenvolvimento exigiam uma grande mão de obra. Instalados nestes estados os negros espalharam-se para Sergipe e Alagoas.

O autor ainda menciona outros estados que foram base para a entrada dos negros no Brasil entre eles estão, Maranhão, onde a lavoura de algodão resultou na escravização de numerosos africanos, deste estado os escravos migraram para o Pará. Outro foco de entrada dos negros foi o estado de Minas Gerais onde os mesmos passaram a trabalhar na mineração. Por último temos o Rio de Janeiro que por ter sido um grande produtor de cana-de-açúcar e de café necessitou de força de trabalho. Estes estados são considerados apenas pontos de entradas, porém os negros africanos foram distribuindo-se por todas as regiões.

A partir destas informações torna-se necessário salientar que embora os negros tenham contribuído fortemente para a formação do Brasil, para a sociedade colonial, os negros não passavam de um segmento inferior, resumindo-se na mão-de-obra fundamental para a execução de trabalhos pesados, sendo assim, por inúmeras vezes visto como uma mercadoria, que, em caso de necessidade, podia ser vendida, alugada, doada e leiloadada. Porém na visão de Freire (2000) estas concepções limitaram a procedência dos escravos importados para o Brasil, não levando em consideração que o Brasil se beneficiou do melhor da cultura africana.

Assim, diante destas afirmações no que diz respeito aos africanos vindos para o Brasil a partir do século XVI a metade do século XIX, Freire (2000) ressalta que os negros maometanos apresentaram uma cultura superior à dos nativos, a dos colonos brancos, portugueses e filhos dos portugueses, visto que, a maioria destes segmentos eram analfabetos e semi-analfabetos.

O Abade Étienne revela-nos sobre o movimento malê da Bahia em 1835 aspectos que quase identificam essa suposta revolta de escravos com um desabafou erupção de cultura adiantada, oprimida por outra, menos nobre. Não romantizamos. Fosse esse movimento puramente malê ou maometano, ou combinação de vários grupos sob líderes muçulmanos, o certo é que se destacadas simples revoltas de escravos dos tempos coloniais merece lugar entre as revoluções libertárias, de sentido religioso, social ou cultural. O relatório do chefe da polícia da província da Bahia, por ocasião da revolta, o Dr. Francisco Gonçalves Martins, salienta o fato de quase todos os revoltosos saberem ler e escrever caracteres desconhecidos. Caracteres que “se assemelham ao árabe” acrescenta o bacharel, pasmado, naturalmente, de tanto manuscrito redigido por um escravo. “Não se pode negar que havia um fim político nesses levantes; pois não se cometiam roubos nem matavam seus senhores ocultamente.” É que nas senzalas da Bahia de 1835 havia talvez maior número de gente sabendo ler e escrever do que no alto das casas-grandes. (FREIRE, 2000, p.299)

Por muito tempo acreditou-se que os negros que chegaram ao Brasil seriam apenas de procedência banto, em contraposição a esta concepção Nina Rodrigues conseguiu destruir o mito do exclusivismo banto no povoamento de africanos no Brasil, este autor levou em consideração o fato de que os traficantes procuravam distribuir os grupos para evitar possíveis revoltas. Assim pesquisas nos mostraram uma grande diversidade a respeito dos grupos negros e das culturas presente no Brasil colônia:

a) Cultura Sunadesas, representadas principalmente pelos povos iorubanos, da Nigéria (Nagô, Ijexá, Eubá ou Egbá, Ketu, Ibadan, Yebu ou Ijebu e grupos menores); Daomeanos (Gege, Fon ou Efan e grupos menores): Fanti-Ashanti, da Costa do Ouro (Mina propriamente dito, Fanti e Ashanti, grupos menores da Gâmbia, da Serra Leoa, da Libéria, da Costa da Malagueta, da costa do Marfim etc); b) Culturas Gguineano-Sudanesas Islamizadas, ou Negro-Maometanas, representadas pelos seguintes grupos principais: Peuhl (Fulan, Fula etc); Mandinga (Solinke, bambara etc) Haussá; Tapa, Borem, Gurunsi e outros grupos menores; c) Culturas Bantas, constituídas por inúmeras tribos dos seguintes grupos: Angola-Congolês e Contra-Costa. (DIÉ-GUES, 1977, p.103)

Segundo o autor as tribos mencionadas são de grande significação quando se pesquisa a posição e a contribuição do negro africano no processo de formação da sociedade brasileira, porém é importante ressaltar que outras tribos podem ter contribuído para a formação mas por algum motivo não foram incluídas nestas classificações. Assim o Brasil foi povoado por uma enorme variedades de povos que, falavam línguas diferentes, organizavam-se de maneira diversa, apresentavam religiões, e possuíam atividades e habilidades próprias.

1.2- A CONTRIBUIÇÃO AFRICANA NA FORMAÇÃO DA CULTURA E DO SER DO BRASILEIRO.

No que diz respeito a presença do africano na constituição do povo brasileiro é possível afirmar que inicialmente esta presença foi pouco valorizada, visto que, o mesmo era compreendido apenas como um componente de mão-de-obra escrava ou como uma mercadoria. Porém Darcy Ribeiro aponta o papel primordial do negro, levando em consideração todas as suas contribuições, seja pela relevância do seu trabalho que possibilitou a produção de quase tudo que aqui se fez, ou seja, pelo “empréstimo” da sua cultura.

Tal como ocorreu aos brancos, vindos mais tarde a integrar-se na etnia brasileira, os negros, encontrando já constituía aquela protocélula luso-tupi, tiveram de nela aprender a viver, plantando e cozinhando os alimentos da terra, chamando as coisas e os espíritos pelos nomes tupis incorporados ao português, fumando longos cigarros de tabaco e bebendo cauim. Os negros do Brasil, trazidos principalmente da costa ocidental da África, foram capturados meio ao acaso nas centenas de povos tribais que falavam dialetos e línguas não inteligíveis uns aos outros. A África era, então, como ainda hoje o é, em larga medida uma imensa Babel de línguas. Embora mais homogêneos no plano da cultura, os africanos variavam também largamente nessa esfera. Tudo isso fazia com que a uniformidade racial não corresponde a uma unidade linguístico-cultural, que ensejasse uma unificação, quando os negros se encontraram submetidos todos à escravidão. (RIBEIRO, 1995, p.214-215)

Tendo como referência estas afirmações é possível compreender que os negros trouxeram em suas “bagagens” e souberam introduzir no Brasil uma pluralidade linguística e cultural, que levou os negros, que aqui se encontravam compartilhar das mesmas condições, mas que se diferenciavam pela língua, esta diversidade refletiu positivamente no universo cultural da sociedade que se formava.

É importante destacar que estes negros não só deram suas contribuições culturais para a formação do Brasil como também tiveram a disponibilidade de apreender a língua do país que eles foram inserido. Darcy Ribeiro destaca a colaboração negra neste processo, quando aborda o papel da figura negra na constituição da comunidade local, mostrando que o mesmo trazia vários valores espirituais, conhecimentos sobre músicas, saberes e gosto culinários

Por mais que se defendesse a ideia de europeidade no Brasil, o que prevaleceu neste território foi exatamente as características e os valores da comunidade cativa, assim, as adversidades nas quais os negros estavam inseridos, seja como um dos elementos do projeto colonial, seja como realizador da monocultura resultou na formação de uma sociedade distante dos costumes e valores europeus.

A triste realidade na qual o negro foi colocado atuou, segundo Darcy Ribeiro, como um elemento desumanizador, onde o sistema escravista insistia em conceituar o negro como um objeto ou uma coisa que poderia ser usada e descartada caso o senhor assim quisesse. Embora o negro convivesse diariamente com estas concepções o autor exalta a força e a resistência dos negros que mesmo mergulhados em um ambiente altamente cruel conseguiram preservar a sua humanidade. Porém é necessário mencionar que esta situação deixou profundas marcas na história de todos os brasileiros.

Nenhum povo que passasse por isso como sua rotina de vida, através de séculos, sairia dela sem ficar marcado indelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da

dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria. (Id, 1995, p.120)

Esta realidade, segundo o autor, nos leva a fazer duas importantes considerações, primeiro que a forma como negros e índios eram tratados ficou marcado no imaginário e na alma de todo brasileiro e que esse tratamento foi mais tarde refletido na brutalidade de um pensamento racista que estava em formação, esta atitude cruel a qual negros e índios estavam submetidos, foi aceita facilmente pela sociedade e esta aceitação irrefletida contribuiu para que muitas pessoas se sentissem no direito de humilhar outras pessoas. Porém, a partir destes apontamentos podemos realizar uma reflexão sobre a importância da construção de uma sociedade solidária que pudesse acolher com respeito e dignidade todos os seus filhos.

Em virtude da posição ocupada pelo negro no período colonial, muitos segmentos afirmaram ser o negro um elemento inferior e por ser considerado inferior foi-lhe negado a relevância social e cultural do mesmo para na formação da nova sociedade. No entanto, Artur Ramos enaltece a contribuição negra no processo de construção da sociedade brasileira, mostrando que a cultura negra embora tenha sido sufocada pelo regime de escravidão, contribuiu para a formação de uma cultura mesclada. Assim é possível identificar culturas ou traços culturais africanos que subsistiram ao processo de construção da nossa cultura.

Enfatizando o que foi a contribuição africana no processo de trocas de culturas no Brasil podemos, recordar as colaborações mais significativas dos principais grupos negros para a formação da nossa cultura. Primeiro identificamos que foram introduzidas no Brasil as mais adiantadas culturas africanas, entre elas estão a cultura ioruba, que influenciou profundamente o nagô na realização de cerimônias, cânticos dos terreiros e os atos litúrgicos. Outros grupos culturais mantiveram também suas práticas religiosas sincretizadas com a religião imposta pelos colonizadores. Porém é possível identificar a cultura maometana que se dispôs ao isolamento com o objetivo de preservar na sua pureza a sua religião.

Outros produtos que resultaram do processo destas trocas foram o candomblé, produto este que surgiu no Brasil sob influência de grupos negros, os instrumentos

musicais de procedência ioruba e banta que se tornaram presentes e indispensáveis no acompanhamento da musicalidade brasileira. A influência ioruba que se fez presente na indumentária mesclando-se com a cultura maometana da qual resultou no tipo característico da “baiana”. Esta mistura caracterizou fortemente o traço africano na vestimenta que é próprio da baiana.

Sobre as contribuições da cultura maometana presente no Brasil podemos afirmar que a mesma não sofreu sincretismo religioso, pois buscou conservar seus traços essenciais:

Da cultura maometana, trazida pelos negros sudaneses e hamito-semitas, a influência se manifestou através, principalmente, dos haussás. No Brasil os negros maometanos tomaram a denominação genérica de malês, e sua principal sobrevivência cultural foi a do traje de “baiana”. Este grupo maometano ou malê conservou várias instituições, vivendo em relativo isolamento, em consequência de que foram seus traços culturais desaparecendo. Mantinham seus hábitos severos e isolavam-se em casa, para a prática dos grupos religiosos. Entre os maometanos não se verificou sincretismo religioso, como quase não se verificou nenhum traço transculturativo mais relevante. (Ibid,1997, p. 108)

Outra cultura que também influenciou a forma viver e ser do brasileiro foi a cultura banta que foi pouco apouco apresentando cultos religiosos, instrumentos de músicas, danças como o samba que segundo historiadores são elementos importantes acolhidos pela cultura brasileira, os bantos se destacam também nos trabalhos de ferro e metais. Foi também na língua que mais se destacou a influência banta, onde o quimbundo, a principal língua deste grupo se espalhou rapidamente por todo o Brasil.

Com base nestas informações é possível afirmar que o escravo africano foi peça fundamental no processo de transculturação do Brasil, onde sua colaboração abarcou todo o cenário da vida do brasileiro compreendendo áreas como a culinária, a fabricação de objetos, na indumentária, na mineração, musicalidade, influencias na plantação, nos vocábulos, danças e em outras áreas. Estes apontamentos são altamente relevantes para a compreensão da forte influência negra deste imenso país.

1.3-. “OS AFRICANOS” PARTE INTEGRANTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA.

Como sabemos a escravidão teve como uma das inúmeras consequências a ruptura dos laços sociais e familiares, e após uma dura travessia entre sua terra natal e algum lugar do Brasil estes sujeitos procuravam se situar e compreender a realidade que eles estavam inseridos, criando novas relações sociais com o objetivo de se entender a si mesmo e o mundo no qual eles foram inseridos. Comum aos vários grupos de africanos era a necessidade de construir novas comunidades, sendo os conhecimentos trazidos da terra natal o ponto de partida para esse empreendimento.

Estes grupos traziam consigo uma imensa bagagem social e cultural, visto que, a maioria dos escravos que desembarcaram no Brasil eram adultos, portanto seus valores, seus padrões de comportamento e suas maneiras de pensar e agir havia se fundamentado nas suas culturas de origens. Ao chegar ao Brasil os africanos tiveram que aprender o português para compreender as ordens que lhes eram impostas. Esta realidade foi distanciando o negro do continente africano e aproximando-o do Brasil, país que se ia se construindo a partir desta aproximação.

Assim é impossível olhar para o negro e não considera-lo integrante essencial desta vasta cultura. Desta maneira a formação das comunidades negras, de africanos e seus descendentes, escravos ou libertos deu-se em concordância com a realidade que eles estavam inseridos, vivenciando no seu dia a dia diversas situações de humilhação e dominação que era correspondente com os padrões da sociedade escravagista.

O impacto na mudança de condição social do africano, onde o mesmo sai de uma realidade que vivia livremente para uma realidade onde suas ações passaram a ser controladas, não fez com que este povo deixasse para trás a sua cultura. Porém a mudança de continente o fez buscar e construir uma identidade que resguardasse os valores antigos e se apropriasse de novos. Saindo da África os africanos não eram

vistos como pertencentes aquelas aldeias, assim, chegando ao Brasil os africanos foram impulsionados a buscar uma nova identificação.

No processo de reinvenção de si mesmo, os nomes pelos quais os senhores identificavam cada africano estavam em comum acordo com os portos que eles embarcaram, assim a identificação atribuída a cada negro acabava de se tornar parte da identidade da pessoa escravizada. Estas identificações unidas a outras permitiram a construção de novas “identidades”, identidades estas que foram sufocadas por grande parte da elite brasileira.

2.0- TEORIAS QUE DIFICULTARAM A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO BRASILEIRA.

O segundo capítulo apresenta uma síntese sobre a contribuição da mestiçagem e do branqueamento no processo de construção da identidade brasileira. Nesse estudo apresentaremos intelectuais que ao longa das suas pesquisas desenvolveram argumentos que justificassem a inferioridade da população que não fosse de uma sociedade totalmente branca. Demonstraremos que essas ideologias se justificavam pelas discussões acerca da origem da espécie humana. Segundo elas, as diferenças étnicas seriam fruto da superioridade ou da inferioridade de determinados grupos humanos sobre outros.

Apresentaremos também a fragilidade da teoria da mestiçagem como possibilidade de construção de uma identidade brasileira, como também a dificuldade enfrentada pelos negros em assumir a sua identidade, mostrando que esta dificuldade não está relacionada a incapacidade como diziam a elite, mas sim nos fundamentos da ideologias raciais elaboradas no fim do século XIX e início do século XX. Estas ideologias, tiraram dos negros e dos mestiços a possibilidade de construção de uma identidade que acolhesse todas as suas particularidades.

Assim, o processo de formação da identidade brasileira recorreu as ideias eugenistas que defendiam o controle social como meio para melhorar as qualidades raciais das futuras gerações. Neste contexto a elite brasileira considerou necessário o melhoramento genético e físico desta população. Estas teorias tiveram grande influência da negação ou na possível construção do discurso nacional, levando vários estudiosos a se debruçar no estudo da questão racial. Veremos ainda que este processo fracassou porque em vez de uma população branca, nasceu uma sociedade plural constituídas por vários povos

Também apresentaremos o branqueamento como a tentativa de anulação dos traços do negro e do índio dentro do processo de formação da identidade nacional. Ressaltando que em torno desta ideologia os negros e índios são representados como raça inferior e oposta a verdadeira “raça” que seria o resultado da miscigenação, o

surgimento desta “raça” estaria interligada a apropriação das características físicas e sociais do elemento branco. Estas ideias levaram os negros e mestiços a sonhar com sua participação na sociedade denominada de branca.

Ainda dialogaremos com alguns autores a respeito do termo mestiçagem, analisando as contribuições representadas pelos intelectuais Gilberto Freire, Sílvio Romero, Freire, Nina Rodrigues e Alberto Torres no processo de construção de uma identidade étnica. Veremos que Freyre ressalta a importância das três raças, mais atribui ao negro uma ideia de inferioridade e Sílvio Romero que esperava que a fusão entre as três raças resultaria no surgimento de um povo propriamente brasileiro, Nina Rodrigues que não acredita que no surgimento deste brasileiro com características brancas e Alberto Torres que defendia que o desafio do Brasil não é a diversidade das raças, mas sim aceitar a diversidade presente no país.

Por fim, abordaremos as consequências das ideologias racista no imaginário coletivo do brasileiro, mostrando que a mestiçagem apresentou cruzamento entre os povos como uma possível união das etnias; propôs uma forma de identidade nacional, ao apostar na miscigenação capaz de unir os vários elementos que compõem nossa nacionalidade. A miscigenação assim como o branqueamento propôs a formulação de uma identidade única que promoveu uma mistura étnica apagando as origens e voltando-se para o futuro sem levar em consideração a importância do passado e a relevância do presente que estava sendo escrito por diversos povos.

2.1 A MISTIÇAGEM.

No fim do século XIX e início do XX a mestiçagem foi apresentada pela elite intelectual brasileira como o caminho que possibilitaria a construção de uma identidade nacional, identidade esta que superaria toda e qualquer forma diversidade, esta superação era tão almejada porque para estes estudiosos a pluralidade que encontrava-se presente em todos os cenários da sociedade brasileira era compreendida como uma problemática latente no processo identificatório de qualquer povo.

A ideia de construção de uma identidade nacional poderia suscitar no nossos espíritos vários questionamentos, pois como pensar em uma identidade única se somos uma nação formada originalmente por três grandes raças? Ou de que maneira esta pluralidade seja de ideias ou de culturas poderia ser entendida como uma problemática a ser superada? Ou de que forma esta mestiçagem poderia abranger todos os elementos presentes na sociedade brasileira? Ou por que negligenciar ou supervalorizar uma cultura em detrimento de outra? Tendo ponto de partida estes questionamentos tentaremos discutir sobre o conceito de mestiçagem tentando responder todos estas interrogações.

No cenário correspondente ao final do século XIX e início do século XX, vários intelectuais se propuseram a pensar em uma forma de acolher todas as culturas, todas raças e todos valores, numa só identidade que seria representada também por uma só nação. Analisando as concepções destes intelectuais e a forma como os seus pensamentos foram apresentados podemos identificar um ponto altamente negativo na elaboração das seus conceitos que é propriamente a ideia de inferioridade do negro em relação ao branco no processo de construção de uma identidade brasileira.

Tendo como base a busca por uma unidade nacional, Munanga apresenta o pensamento de Silvio Romero acerca deste projeto, mostrando que este pensador acreditava que a fusão entre as três raças resultaria no surgimento de um povo propriamente brasileiro, no entender de Sílvio Romero este cruzamento terá como efeito o desaparecimento dos elementos não brancos. Este intelectual explica este fenômeno recorrendo a teoria da seleção natural, que após algumas gerações predominará o tipo racial mais numeroso que na sua concepção seria a ração branca.

Segundo Munanga (2009) a mestiçagem é entendida por Silvio Romero como um meio que possibilitaria a formação de uma sociedade totalmente branca. Porém, o próprio Silvio Romero reconsidera seu posicionamento acerca desta passagem afirmando que este processo se desenvolverá lentamente. Assim entendemos que em torno do pensamento de Silvio Romero a mestiçagem foi um elemento fundamental na proposta de formação de uma identidade brasileira. Muitos intelectuais brasileiros compartilharam com Silvio Romero a ideia a superioridade homem branco, porem muitos discordaram que a mestiçagem seria o caminho para a construção de uma identidade nacional.

Em contraposição ao pensamento de Sílvio Romero, Nina Rodrigues afirma que partindo de uma ideia de miscigenação não é possível a construção de uma única identidade nacional, visto que, os índios e os negros são entendidos pelo último intelectual como seres incapazes e atrasados e que o cruzamento com uma espécie superior como a branca resultaria em descontroles e perturbações diversas. Para Nina Rodrigues os índios, os negros e os mestiços não conseguiram alcançar ou desenvolver o nível de entendimento comum aos brancos, impossibilitando-os de entender seus próprios atos.

Pensando na dificuldade de construção de uma identidade única para todos os brasileiros, Nina Rodrigues propôs a institucionalização e a legislação da diferença que defendia a divisão do Brasil em quatro regiões. Munanga (2009, p.53) ao interpretar a proposta de Nina Rodrigues, menciona que se estas ideias tivessem invadido e convencido o imaginário da elite brasileira talvez este grupo tivesse instituído no nosso país uma espécie de separação racial semelhante mesmo regime de segregação vivenciado pela África do sul.

Nina Rodrigues não acredita que a população branca possa prevalecer sobre a população mestiça, visto que, o autor identificou no Brasil regiões que favorecia o crescimento da população mestiça, e outras que possibilitavam o desenvolvimento do branco. Interpretando parcialmente estes dados poderíamos afirmar que a diversidade encontrada no Brasil estava contribuindo para o crescimento de toda a sua população. Apesar deste fato, Nina afirma categoricamente que esta realidade resultará na diminuição da população branca e poderá comprometer a sua liderança sobre os demais.

Até o momento apresentamos o posicionamento de Nina Rodrigues e Silvio Romero a respeito da diversidade, entendidas por ambos como um forte obstáculo à constituição da identidade do povo brasileiro. A partir deste momento dialogaremos com autores que valorizaram as diferenças existente no Brasil. Mostrando que muitos povos são formados por várias culturas, sendo que esta formação não os impossibilitou de constituir uma nação que pudesse progredir e aperfeiçoar-se ao longo do tempo. Os autores defendem que se no Brasil os africanos, os índios e seus descendentes não conseguiram alcançar o desenvolvimento foi simplesmente pela falta de oportunidade.

De acordo como o pensamento de Alberto Torres (Munanga, 2009 p.58) o grande desafio do Brasil não é a diversidade das raças, mas sim levar os próprias habitantes deste país a compreender a importância da sua nação entendendo que a mesma não é constituída por traços comuns, mas sim pelas diversidades e diferenças. Desta forma, se todos os habitantes de nosso solo, tivessem sido amparados em todos os sentidos teriam alcançado o mais alto grau de aperfeiçoamento moral e intelectual. Para este autor, o negro e o índio não são incapazes, pelo contrário, muitos dos negros e índios, conseguiram vencer as dificuldades sociais e econômicas de sua época.

Pensando nesta realidade e na dificuldade de afirmação de uma nacionalidade brasileira Alberto Torres, expõe outros problemas vivenciados pelo Brasil:

O problema do Brasil, segundo ele, podia ser explicado a partir da exploração do País por estrangeiros, cuja a rapidez levava ao esgotamento dos recursos naturais a uma taxa alarmante, ao crescente controle dos setores dinâmicos da economia por capitalistas estrangeiros e ao abandono sistemático da população nacional a favor de imigrantes estrangeiros que recebiam privilegio *especiais*.³¹ A verdadeira raiz da do problema nacional, na opinião dele, estava na alienação das elites da realidade nacional. Foi por isso que elas se tornaram presa fácil das teorias de degenerescência propagadas pelos racistas europeus. Torres teve a coragem de rejeitar a moldura determinística de referência, ajudando a exorcizar o espectro da inferioridade abrindo caminho para novas indagações sobre o futuro da nacionalidade *brasileira*.³² (MUNANGA, 2009, p.59, apud, 1976, p.137-141)

De acordo com pensamento deste autor, podemos entender que as grandes dificuldades enfrentadas pelo Brasil estão relacionados a uma exploração descontrolada e irresponsável dos recursos encontrados no nosso País, a não valorização e conseqüentemente ao abandono da população nacional, e a incapacidade da elaboração de um conhecimento ou de teorias propriamente brasileiras que correspondesse a realidade que os negros e índios estavam inseridos. Tendo como base estes apontamentos, Torres rejeita definitivamente as teorias racistas predominantes de sua época e abre espaço para a construção de uma identidade que considera a diversidade racial.

Outro autor que contribuiu para o reconhecimento de negro, índios e mestiços na formação do povo brasileiro foi Gilberto Freire, segundo Freire a mestiçagem significou uma enorme vantagem, pois o cruzamento das três raças que possibilitou o aparecimento do mestiço, apresentado pelo autor como portador de valiosas heranças culturais, e essas heranças foram representadas fielmente na mestiçagem. Assim, Freire (2000, p.283) afirma que “todo brasileiro, mesmo o alvo de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo (...) a sombra ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro”. Como se pode notar é indiscutível a presença destas três raças na formação do ser brasileiro.

Embora Freire defenda a existência e a importância das três raças, encontramos no seu pensamento resquícios de ideias racistas predominantes da sua época. Desta forma o autor defendia a ideia de que a população branca que era representada pela elite no contato com o negro e o índio adquiriria preciosos traços culturais, já a população negra só poderia alcançar o progresso se abandonasse as tradições e características comuns às suas origens. Assim encontramos no seu pensamento a valorização da elite (dominadores) em detrimento do restante da população (dominados):

(...) A distância social entre dominantes e dominados é modificada pelo cruzamento inter-racial que apaga as contradições e harmoniza as diferenças levando a uma diluição de conflitos. Ao postular a conciliação entre as raças e suavizar o conflito, ele nega o preconceito e a discriminação, possibilitando a compreensão de que o “insucesso dos mestiços e negros” deve-se a eles próprios. Desta forma, ele fornece à elite branca os argumentos para se defender e continuar a usufruir dos seus privilégios raciais. (BENTO, CARONE, 2014, p.48)

Vimos que a mestiçagem foi entendida por muitos intelectuais do final do século XIX e início do século XX, como o caminho ou a via que levaria o Brasil à afirmação de uma identidade nacional. O desafio que gira em torno desta problemática não é a compreensão da mestiçagem como o cruzamento entre os povos, brancos, negros e índios, mas sim a tentativa de dissolução de determinadas culturas em detrimento de uma outra cultura.

Assim podemos entender que a mestiçagem aqui apresentada representa na sua integridade uma infeliz negação da identidade negra. E esta negação influenciou e ainda continua influenciando negativamente os negros e seus descendentes, levando-os na sua maioria a negar a sua verdadeira identidade, iludidos com a promessa de um dia ascender a população branca. Assim a ideia da mestiçagem e do branqueamento transitou e ainda transita no imaginário do negro brasileiro. Em seguida apresentaremos a outro elemento que ainda está vinculado a ideia de mestiçagem e que dificultou a formação da identidade da população brasileira.

2.2- O BRANQUEAMENTO.

A ideologia do branqueamento era, portanto, uma espécie de darwinismo social que apostava na seleção natural em prol da “purificação étnica”, na vitória do elemento branco sobre o negro com a vantagem adicional de produzir, pelo cruzamento inter-racial, um homem ariano plenamente adaptado as condições brasileiras. (Id, 2014, pág. 16)

Defendida pela elite branca do final do século XIX e início do século XX, o branqueamento foi pouco a pouco sendo introduzido no imaginário social dos brasileiros, modificando a imagem que o brasileiro poderia construir de si mesmo. Desta forma podemos afirmar que vários intelectuais desta época viam no ideologia do branqueamento a possibilidade da extinção da raça negra e conseqüentemente o aumento em grande escala dos não brancos. O branqueamento seria assim uma forma de purificação das etnias identificadas no cenário brasileiro.

Segundo Bento (2014 p. 25) na sociedade brasileira, o branqueamento é constantemente entendido como um problema estritamente ligado a figura do negro, onde este busca apresentar-se como branco, misturar-se com este ser para dissolver suas características raciais. Este querer ser o outro traz nas suas origens os fundamentos de um racismo não identificados pelos agentes deste processo. A elite na pretensão de manter uma ideia de superioridade sobre as outras raças, considerou seu grupo

uma referência a toda espécie humana, essa iniciativa vem legitimando sua supremacia econômica, política e social sobre dos não brancos.

A implementação destas ideias resultou na construção de um imaginário altamente negativo sobre o negro, dificultando a afirmação do ser negro, pois a influência destas ideias prejudicam a sua autoestima e justifica as desigualdades, sociais, econômica e raciais que são comuns na sua realidade. Embora se defenda que a branquitude é um problema do negro brasileiro, a autora Bento (2014, p.27) traz para o centro deste debate a figura branca, mostrando que em uma sociedade em que a maioria da população é composta por negros, o elemento branco vem obtendo vários privilégios.

Autores como Azevedo acredita que o branqueamento é uma ideologia criada a partir do medo que os brancos mantinham da população não branca, pois este segmento encontrava-se em grande número além disso ainda tínhamos a possibilidade de crescimento da mesma. Assim os brancos via no Brasil um País ameaçador composto por maioria não branca. De acordo com Azevedo a população branca temia a possibilidade de ser futuramente dominada pelos negros. Desta forma o medo de uma possível soberania negra resultou na criação de uma política de imigração europeia cujo o resultado foi trazer quase 4 milhões de imigrantes europeus.

Desta maneira, o branqueamento foi apresentado tanto como uma criação da elite branca para enfrentar o medo descrito anteriormente, mas também como um meio para a elevação social. Esta ideologia exerceu uma forte influência na formação da identidade brasileira, pois a partir do momento em que o negro se apropriou destas ideias, houve a tentativa de se construir uma identidade que o aproximasse da elite branca. Porém é necessário acentuar que esta identidade não foi fundamentada nos componentes da negritude, mas sim da branquitude pois esta seria a aponte segura que os levaria a ascensão social.

Desde o período da colonização, a preocupação fundamental da sociedade brasileira era com a formação de um nação que apresentasse os traços dos europeu, pensando nesta idealização, o cruzamento racial foi a saída encontrada pelos intelectuais brasileiros para resolver os diversos problemas que afligiam todo o País. Assim a promessa do branqueamento foi aceita pela sociedade vigente como um problema

do negro, essa teoria se manifestou como uma forma de manipulação do negro, levando-o a sonhar com a sua integração, e a sua valorização social. (BENTO, 2014, p.52)

Para entender esta realidade Bento (2014, p.49) apresenta Florestan Fernandes como um dos autores mais comprometidos com o combate a violação dos direitos da população negra. Este autor demonstrou nitidamente a sua indignação com o racismo, a violência resultante da escravidão, e os resultados desta violência sobre o segmento negro. Para Florestan Fernandes a escravidão provocou uma espécie de “deformação” no seu sujeito do trabalho, e esta deformação impediu que este sujeito pudesse se compreender dentro do contexto que então se formava, e este fato também o impossibilitou de colher e desfrutar os frutos do seu próprio trabalho.

Embora Florestan Fernandes seja um dos intelectuais mais respeitados pelo movimento negro, o autor não conseguiu escapar das críticas de Bento, pois para esta autora ao se falar de elementos deformados pela escravidão ele deveria ter incluído a personalidade da massa branca, pois para Bento a decisão de escravizar ou a omissão frente ao sistema escravocrata já representa em si mesmo uma deformação que atinge as realidades éticas e morais do indivíduo, esta ideia de deformidade resulta na afirmação da inferioridade negra frente as outros povos. Contrapondo-se a esta afirmação Bento menciona que os negros foram excluídos dos portos de trabalho não pelo despreparo mas sim pela discriminação racial, pois muitos dos imigrantes que aqui chegaram tinham o mesmo preparo dos negros.

Bento (2014, p.52) vai além do ideia do branqueamento como um desafio estritamente negro, visto que, para esta autora “branquear” é em síntese um problema nacional, pois identifica neste processo uma busca pelo ser do outro, onde o negro que ser branco e o branco sonha em ser europeu. A mestiçagem e o branqueamento se constituíram em um enorme problema nacional que foi justamente a perda da identidade, a partir do momento que o indivíduo se projetou no outro, foi perdendo pouco a pouco suas características naturais, se afastando assim do seu próprio eu.

Para superar esta realidade Bento (2014, p.67) propõe “um encontro do país consigo próprio, com sua história, com seu povo, com sua identidade” o resgate da identidade é uma reação aos terríveis resultados do branqueamento uma vez que o

mesmo “interfere em quase toda a produção da identidade racial”. Impulsionando os indivíduos a assumir características alheias a sua própria personalidade. Assim a ideia de que o branco representa o padrão universal de toda a humanidade, não só exerceu grande influência no imaginário dos intelectuais e dos negros da época como continua influenciado o imaginário do brasileiro contemporâneo.

Alguns autores viam o branqueamento como um do extermínio da raça negra, para justificar esta afirmação Munanga declara que:

Para Abadias, o branqueamento da raça negra é uma estratégia de genocídio. Esse branqueamento começou pelo estupro da mulher negra e originou os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o pardavasco, o homem de cor... (ibid, 2006, p.88)

Assim, o branqueamento no imaginário brasileiro provocou a alienação da identidade negra em detrimento de uma identidade supostamente branca. E em torno deste processo identificamos algumas ambiguidades, pois se por um lado os segmentos sociais tenham no decorrer do tempo lutado contra esta concepção racista, por outro lado os mesmo movimentos vinham se alimentando dos sentimentos de inferioridade perante a sua identidade cultural de origem africana.

2.3- CONSEQUÊNCIAS DESTAS TEORIAS.

A relação entre o processo civilizador e a construção de uma identidade nacional proposta pela elite brasileira objetivou através de exportações de teorias a constituição de uma identidade livre da presença do negro. Assim Darcy Ribeiro nos diz que o choque cultural entre o invasor português, como o índio e negros escravizado resultou em um povo inteiramente novo e diferentes de suas matrizes fundadoras. As consequências das teorias racistas na formação de uma identidade nacional podem

ser resumidas na infeliz ideia da formação de uma etnia fundamentada com base na supressão das identidades étnicas identificadas no país.

Estas teorias foram fortemente fundamentadas e divulgadas nos espaços brasileiros, e posteriormente tiveram como resultado a difícil construção de uma identidade que levassem em consideração a pluralidade de culturas, o passado de cada povo, as suas cores inferiorizadas e as importantes e diferentes contribuições de cada segmento na formação deste imenso país. Assim a elite brasileira tentou forjar uma identidade nacional fundamentada em valores europeus:

(...) o modelo sincrético, não democrático, construído pela pressão política e psicológica exercida pela elite dirigente, foi assimilacionista. Ele tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em construção, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica. Embora houvesse uma resistência cultural tanto dos povos indígenas como dos alienígenas que aqui vieram ou foram trazidos pela força, sua identidade foram inibidas de manifestar-se em oposição a chamada cultura nacional. (ibid, 2009, p.95)

De acordo com o pensamento de Munanga, podemos perceber que estas teorias levaram os negros e seus descendentes a querer fazer parte do processo de branqueamento, primeiro pra se sentir parte da identidade em construção e segundo para fugir dos efeitos da discriminação racial. O distanciamento e a não valorização da cultura branca, negra e índia como um todo resultou na formação de uma população que valorizava mais a cultura europeia, ou seja, a cultura do outro do que a sua própria cultura. Os sujeitos perderam neste processo a capacidade de discernir o que é deles e o que é dos outros.

Contudo podemos constatar várias marcas foram produzidas por estas teorias como a ideia de inferioridade do negro, a discriminação racial, e a ausência da valorização pessoal. Embora o projeto do branqueamento físico da sociedade brasileira não tenha alcançado seus objetivos, suas ideias ficaram impregnadas no inconsciente do brasileiro, prejudicando a construção de uma identidade que pudesse incluir negros, brancos e mestiços.

3.0- A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA.

Neste capítulo analisaremos os passos percorrido pelos teóricos e intelectuais brasileiros que possibilitaram a construção de uma identidade afro-brasileira, levando em consideração os fatores que contribuíram ou impediram este processo, uma vez que, formar uma identidade que leve em consideração a população branca, negra e índia em um país que carrega na sua alma as marcas da escravidão como é o caso do Brasil não é uma tarefa fácil, pois, como vimos algumas ideologias como a mestiçagem e o branqueamento mostraram, ao longo da pesquisa que a imagem que os intelectuais do século XIX e XX elaboraram acerca do homem negro, estava resumida a ideia de inferioridade e incapacidade.

Tendo como objetivo compreender esta construção torna-se necessário seguir alguns etapas, nesta linha de pensamento buscamos primeiro compreender o termo identidade como uma ideia constitutiva deste processo indenírio mostrando que este termo é compreendido por muitos autores como Munanga e Souza, como algo que é construída passo a passo, sendo que esta construção está voltada para o tempo e o espaço aos quais o indivíduo está inserido levando-nos a entender que a construção de uma a identidade se faz a partir da interação de um ser com outro e com o seu meio.

Em seguida veremos que a construção da identidade afro percorre os caminhos da auto aceitação, desta forma temos que destacar, que assumir a identidade negra não é fácil, porém é entendida nesta pesquisa como uma atitude fundamental que contribui para aceitação, valorização e respeito ao ser negro na formação e constituição da sociedade brasileira, além disso está auto afirmação colaborar para a extinção das ideias racistas, ideias estas que subjugar e ainda subjugar grande parte da população brasileira desde o Brasil colonial até os dias de hoje.

E por fim buscamos apresentar que o conceito de identidade nacional construída ao longo do tempo é entendida neste contexto como uma realidade que negava e ainda nega fortemente a possibilidade de se construir uma identidade afro brasileira.

Assim foi elaborado no século XIX pelos pensadores um modelo racista universalista que segundo Munanga (2009 p.103) “Se caracteriza pela busca de assimilação dos membros do grupos étnicos raciais diferentes e na cultura do segmento étnico dominante da sociedade”. Este modelo sem dúvida nega toda e qualquer forma de diversidade.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA AUTOAFIRMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO.

Segundo Munanga (2009, p.13) O processo de identificação da população brasileira tem enfrentado enormes desafios, uma vez que, os sujeitos envolvidos neste processo enfrentaram e ainda enfrentam imensas dificuldades como, as influências das ideologias racistas que continuam presentes no cenário brasileiro assim como construir novas ideologias que possam conscientizar e mobilizar o grupo negro de que se não houver uma mudança os mesmos continuaram sendo vítimas da elite dominante. De acordo com esta afirmação Munanga, reafirma a importância desta conscientização neste processo:

A construção dessa nova consciência não é possível sem coloca no ponto de partida a questão de auto definição, ou seja, da autoidentificação dos membros do grupo em contraposição com a identidade dos membros do grupo “alheio”. (ibid, 2009, p.14)

Segundo este autor, tal identificação permite ao indivíduo a construção da sua identidade, levando-nos a reconhecer também uma identidade coletiva que servira de plataforma pra este processo. Assim Munanga (2009, p.14) ressalta que (2009, p.14) “Essa identidade, que é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será

construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo (..) Os elementos aos quais Munanga se refere são a língua, cultura, religião. Território, situação social e etc. estes elementos são segundo o autor de fundamental importância para o desenvolvimento e a afirmação de um grupo.

Desta forma, podemos compreender que este processo não se constrói ou não se desenvolve de forma isolada, mas sim, em um contato direto com o “outro” e com a sociedade, onde esta identidade é fundamentada a partir do momento em que o indivíduo assume seu pertencimento a um grupo social, deste modo, o sujeito que assume que se reconhece e se aceita como membro de uma determinada comunidade, está mais disponível a contribuir consigo mesmo e com seu grupo.

Segundo Sousa (1990, p.77) uma das maneiras de se exercer a autonomia é possuir um discurso sistemático e direto sobre si mesmo, discurso que se faz significativo e relevante para que o indivíduo se compreenda como sujeito e participante da sociedade a qual faz parte. Pensando na possibilidade de afirmação de uma identidade a autora menciona a difícil trajetória de se definir negro no Brasil, uma vez que, estes sujeitos foram impulsionados a tomar o ser branco como modelo de identidade.

O negro brasileiro que ascende socialmente não nega uma presumível identidade negra. Enquanto negro, ele não possui uma identidade positiva, a qual possa afirmar ou negar. É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. (SOUZA, 1990, p. 77)

A partir desta citação é possível compreender que construir uma identidade propriamente negra ou afro-brasileira pressupõe superar as imagens distorcidas construída pela elite brasileira e aceitas pelo segmento negro ao longo da história, de forma que, o lugar ocupado pelos negros, a discriminação, o esquecimento das suas raízes dificultaram a organização desta identidade. Assim muitos afrodescendentes tentaram negar sua própria história visando participar ou se integrar a população branca.

Pensando nas dificuldades da afirmação da identidade em questão, é importante mencionar que um dos grandes desafios proposto a população negra não é simplesmente superar os preconceitos externos, mas sim, tentar primeiramente a superação dos preconceitos internos que circulam no imaginário negro como a ideia de inferioridade e incapacidade ao passo que esta superação possa contribuir para que os afrodescendentes deixem de se submeter e valorizar a cultura e os costumes da elite branca.

Desta maneira se definir negro é um processo a ser realizado, processo este que precisa repensar a identidade assumida por muitos negros ao longo da história e que tinha como referência os padrões impostos pela elite brasileira. Rompendo com este obstáculo os descendentes dos negros terão a oportunidade de criar seu “próprio rosto” sua própria história, história esta que possibilite resgatar suas feições, seus costumes e tradições, onde este resgate possibilite aos sujeitos envolvidos neste processo criar uma imagem positiva sobre si mesmo.

3.2 O RECONHECIMENTO DA PLURALIDADE ÉTNICA E CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE AFRO.

A medida que o africano se integrou a sociedade brasileira tornou-se afro-brasileiro e, mais do que isso, brasileiro, usamos o termo afro-brasileiro para indicar produtos da mestiçagem para os quais as principais matrizes são a africana e as lusitanas, frequentemente com pintadas de elementos indígenas, sem ignorar que tais manifestações são acima de tudo brasileiras. Essas misturas estão muito mais presentes do que podemos perceber a um primeiro olhar, mesmo que este já mostre uma quantidade importante de contribuições africanas em nossa formação. (SOUZA, 2007, p.132)

A citação anterior nos leva a entender que a identidade afro-brasileira é constituída basicamente por uma pluralidade de elementos. Porém, é importante ressaltar

que este entendimento foi desenvolvida lentamente, pois existia e ainda existe vários obstáculos que impede os negros e seus descendentes de uma possível compreensão da sua formação e da sua colaboração na formação do brasileiro, estas dificuldades foram aparecendo porque as instituições não desenvolveram políticas públicas que pudesse inserir o negro recém liberto na sociedade, levando-o a identifica-se como membro da sociedade brasileira.

Outra realidade que dificultou afirmação da pluralidade étnica e cultural dos afro-brasileiros foi a ideia da democracia racial, segundo essa ideologia o Brasil constituía-se como uma nação racialmente democrática, que no nosso país não havia obstáculos para a ascensão social do negro e do mulato e que o Brasil seria uma nação sem raça onde brancos e negros mantêm relações pacíficas e harmoniosas.

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas deterem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. (ibid, 2009, p.77)

Em consonância com o pensamento de Munanga, podemos entender que mito da democracia racial poderia ter vários objetivos, menos a defesa e a igualdade de todos perante a sociedade. Desta forma, essa ideia de que no Brasil se vivia uma democracia racial, que era uma nação constituída por um povo sem preconceitos, sem divergências, foi pouco a pouco alienando os indivíduos, contribuindo assim, para que os mesmo se afastassem da possibilidade de invenção de uma identidade própria e do desenvolvimento da sua criticidade.

A influência destas ideias levaram muitos intelectuais da época a negarem a existência de diversas misturas raciais e culturais presentes em solo brasileiro. Seus

discursos adiaram a possibilidade da afirmação da identidade afro, pois neste processo e altamente relevante considerar e respeitar as diferenças, uma vez que as mesmas são elementos constitutivos da nossa nacionalidade. Assim não podemos negar que no Brasil encontramos identidades plurais, pois os países que passaram por um processo de colonização não tiveram e não tem a mínima possibilidade de ter formado uma nação homogênea.

Assim a heterogeneidade cultural e étnica que foi entendida por muitos intelectuais do final do século XIX a meados do século XX como uma “ameaça racial” para a construção da identidade da nação é no momento entendida como um elemento de enriquecimento e contribuição para a formação do povo brasileiro e da identidade brasileira, e em contraposição a estes intelectuais o Brasil vem se apresentado cada vez mais com um país que caracteriza-se por essas pluralidades, pluralidades estas que resultaram de um processo histórico construído pela colaboração de vários povos.

(...) O Brasil é uma nova civilização, feita das contribuições de negros, índios, europeus e asiáticos que aqui se encontraram. Apesar do fato social e da assimetria no relacionamento que dele resultou, isso não impediu que es processasse uma transculturação entre os diversos segmentos culturais(...) Nessa nova cultura, que não chega, a meu ver, a se configurar como sincrética, mas que eu qualificaria como uma cultura de pluralidades, partilhada por todos(...) (ibid, 2009, p.101)

Assim a construção da identidade afro está voltada para o reconhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, onde estas culturas e etnias passam por inúmeras transformações, relacionando-se umas com as outras e conseqüentemente adotando características alheias aos seus grupos. Estas pluralidades não pode mais ser compreendidas como fatores de degenerações e sim como elementos enriquecimento.

Desta forma considerar a diversidade cultural e étnica não significa negar a existência de características comuns, pois pluralidade cultural significa neste contexto

afirmar a diversidade como traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se constrói e reconstrói permanentemente, assim, a pluralidade que foi por muito tempo considerada como uma mancha a ser eliminada, é atualmente valorizada possibilitando a superação de todos os tipos de barreiras.

Como foi dito anteriormente, a construção da identidade afro se dá através de um processo, este processo precisa resgatar nos indivíduos a autoestima, a autonomia, a consciência da colaboração do negro na formação do brasileiro, desconstruir a imagem negativa do ser negro, e superar as influências das ideologias que tanto dificultaram o processo de identificação das identidades coletivas. Neste sentido é possível concluir, que o Brasil é um país multirracial e multicultural, multiétnico, que é constituído por várias elementos, elementos que não precisaram ser moldados ou apagadas para se construir uma identidade autêntica.

3.3 IDENTIDADE NACIONAL COMO NEGAÇÃO DE UMA IDENTIDADE AFRO.

Como vimos a construção da identidade nacional foi fundamentada nos conceitos de mestiçagem que defendia a ideia de que cruzamentos entre raças distintas possibilitaria o surgimento de uma população homogênea, resultando também no surgimento de uma identidade única, em contraposição a este pensamento alguns autores consideraram o aparecimento desta identidade como uma negação da identidade afro, e identificamos esta negação a partir do momento que a elite de intelectuais brasileiro desconsiderou a influência do africano na formação da identidade brasileira.

Neste sentido, importante mencionar que, embora a ideia de mistura seja o elemento central na formação da identidade nacional, há elementos que não são considerados integralmente na miscigenação, como é o caso dos negros que sempre

estiveram a margem deste processo. Posteriormente surge com a mestiçagem a ideologia do branqueamento, que com já foi dito anteriormente significa na visão da o melhoramento ou o aperfeiçoamento da ser brasileiro. O aperfeiçoamento ou o melhoramento significou o afastamento do negro, considerado sem cultura, passando a ser excluídos das decisão políticas e sociais e até mesmo da possível construção de uma identidade nacional.

A elite brasileira, preocupada com a construção de uma identidade nacional, via esta ameaçada pela pluralidade étnico-racial. A mestiçagem era para ela uma ponte para o destino final: o branqueamento do povo brasileiro. Mas entre o modelo, a estratégia política montada e a realidade empírica, existe uma certa margem, que não pode ser negligenciada nas considerações socioantropológicas da realidade racial brasileira. Sem dúvida, a infusão do sangue “branco”, pelo intenso processo imigratório de origem ocidental por um lado, e as baixas nas taxas de fecundidade e de natalidade no meio da população negra acompanhada de altas taxas de mortalidade por outro lado, ajudaram na diminuição sensível da população brasileira. (ibid, 2009, p.105-106)

Nesta linha de pensamento, a ideia da identidade nacional era constantemente ameaçada pelas ideias de pluralidade identificadas no seio da nação brasileira, assim as diferenças compreendidas como um dos grandes desafios que deveria ser superados par que se pudesse dar continuidade construção desta identidade. Para resolver este impasse foi apresentado ao povo brasileiro a mestiçagem como ponte para a unificação do povo brasileiro, esta unificação não foi concretizada como queria a elite, porém, podemos no identificar no decorrer da história alguns episódios realmente contribuíram para a diminuição do elemento negro.

Por estas razões mencionamos que a ideia de identidade nacional, elaborada no final do século XIX e início do século XX, tinha como proposito e apresentar uma identidade única para todos os brasileiros, ao passo que esta elaboração passaria necessariamente pela anulação ou negação de algumas culturas O projeto do branqueamento obteve êxito teóricos, ou seja, apenas no imaginário do brasileiro, mas praticamente este sonho nunca foi concretizado. Este projeto conheceu o fracasso

no momento que alguns intelectuais e até mesmo os mestiços se propuseram a compreender que todos os povos que no Brasil se encontraram foram beneficiados por diversos empréstimos de culturas.

Assim Munanga diz que (2009, p.106) “o Brasil constitui o país mais colorido do mundo racialmente, isto é, o mais mestiçado do mundo”. Esta declaração leva-nos mais uma vez a reafirmar o projeto do branqueamento defendido pela elite como solução às misérias raciais, não foi plenamente concretizado. Assim vários episódios comprovam este fracasso, primeiro porque o projeto do branqueamento foi sendo abandonado e segundo porque nem todos os mestiços se viram como sujeitos deste projeto.

Contudo sabemos que não é possível falar em identidade nacional quando se tem como referencial a mestiçagem, aqui entendida como uma ideia que levaria diversos povos a valorizar e idealizar a construção de uma identidade única. Levando em consideração as diversidades e as pluralidades que possibilitaram a formação da sociedade brasileira torna-se inviável pensar que um dia presenciaremos o surgimento de uma nação que fosse portadora de uma única identidade. Tendo como ponto de partida estas afirmações encontramos um grande desafio que seria a construção de uma identidade que acolhesse todos os povos.

Segundo Munanga a construção desta identidade se baseia na afirmação da cor e na cultura dos negros, cultura e cor, muitas vezes, negada pelo próprio segmento negro, pois nem sempre estas realidades foram assumidas com orgulho. Tendo como referência estes dados, os movimentos negros vêm mobilizando todo esse segmento e despertando a solidariedade entre negros e mestiços, embora exista por parte deste movimento estas iniciativas, Munanga ressalta ainda as dificuldades enfrentadas por estes grupos.

Apesar do esforço dos movimentos negros em redefinir o negro dando-lhe uma consciência política e uma identidade étnica mobilizadoras, contrariando a ideologia de democracia racial construída a partir de um racismo universal, assimilacionista, integracionista- o universalismo- aqui, concordamos com Peter Fry-, essa ideologia “continua forte no Brasil, na sua constituição e na ideia de democracia racial, mesmo se há sinais [...] de uma crescente polarização. (ibid, 2009, p.118)

Neste sentido, podemos entender que, embora a ideia da democracia racial tenha se espalhado por todo território nacional, os movimentos negros tem contribuído de forma positiva para a afirmação da identidade negra, levando os envolvidos neste processo a mobilização e reivindicação dos seu direitos. E esta reivindicação só terá êxito quando realmente os afrodescendentes tiveram a coragem de assumir perante á sociedade a sua negritude os traços que são comuns não só a aso negros como também a toda sociedade brasileira.

Enfim, podemos concluir que todas as sociedades que foram colonizadas desenvolveram um pluralismo étnico-cultural formado pelo próprio processo de colonização, desta maneira, os povos que aqui chegaram tiveram a possibilidade fazer várias trocas que resultaram no surgimento de um país com características tão diversas, porém estas diferenças foram entendidas pela elite como um “dilema nacional” cuja a solução seria formação de uma sociedade pura. Assim, quando nos referimos a ideia de cultura, de identidade, etnia brasileira, temos que inserir neste discurso o termo pluralidades, desta forma, entendemos que a formulação de uma identidade afro poderia abarcar os diversos povos que constituíram a nação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa realizada nos levou a entender que desde o período colonial até o período contemporâneo, a cultura africana vem influenciando e contribuindo positivamente para a formação do Brasil e do ser brasileiro e analisando estas contribuições podemos verificar que os africanos nos legaram uma valiosa diversidade étnica, política, linguística e religiosa. Desta forma, a cultura africana está na base da maioria das nossas manifestações culturais, seja na culinária, em alguns ritos religiosos ou até mesmo na nossa forma de pensar, agir se vestir e etc. Embora, seja inegável esta contribuição, os negros tiveram que lutar contra a cultura de preconceito presente na sociedade colonial brasileira, pois como é sabido os negros chegaram ao Brasil na condição de escravos e tiveram que resistir a diversas situações desumanas imposta pela sociedade escravagista. Assim, este povo que tinha uma diversidade cultural bem fundamentada e rica viram suas tradições seus costumes serem sufocados pelos efeitos da escravidão.

Submetidos a escravidão, os negros foram pouco a pouco perdendo a ideia de liberdade e conseqüentemente a condição de ser humano, submetidos a condições miseráveis e reduzidos a um instrumento de trabalho, o negro via-se dia a dia mais distante da sua realidade da sua cultura e dos novos habitantes do país (com exceção dos índios). O distanciamento mantido entre negros, índios e o branco, levou muitos intelectuais a afirmar que os dois primeiros segmentos eram inferiores e incapazes. A repetição destas ideias influenciou o próprio segmento negro, levando-o a aceitá-las como certas, assim no imaginário negro o branco era concebido como o modelo ideal, a imagem a ser alcançada por todos os brasileiros.

Desta forma, alguns intelectuais da sociedade escravocrata elaboraram teorias que supervalorizava a superioridade do europeu perante os outros povos. Neste sentido, várias teorias dificultaram a construção da identidade afro-brasileira, dentre estas teorias nós apresentamos a mestiçagem que representou o caminho para a formação de uma identidade nacional, identidade esta que representaria a superação de qualquer forma de diversidade, entendida pela elite intelectual brasileira como uma problemática existente no processo civilizatório de um povo. Outra teoria defendida

por este segmento foi o branqueamento que defendia a ideia de “purificação étnica” dos povos,, sendo que o sucesso desta ideia seria a vitória do elemento branco sobre o elemento negro.

Estas ideia foram fixando-se no pensamento do negro, fazendo-o acreditar que a mestiçagem e o branqueamento poderia ser a via que os levaria a participar e se tornar integrantes da sociedade branca. Esta realidade contribui para a não valorização das culturas branca, índia e negra como um todo e resultou na formação de uma população que valorizava mais a cultura europeia do que a sua propria cultura, assim estas teorias deixaram várias cicatrizes que impediram a formação de uma identidade que valorizasse todas as culturas existente no nosso país. Estas cicatrizes se manifestaram na ideia de inferioridade, na discriminação racial e na dificuldade de valorização da própria cultura e na defesa do braqueamento fisico, que embora não tenha alcançado êxito pretendido, ainda continuou rondando o inconsciente do brasileiro. Pensando nesta realidade e na dificuldade de uma identidade propriamente brasileira, levamos em consideração que a construção desta identidade percorre os caminhos da autoaceitação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALBURQUERQUE, Wlamira R. De: FRAGA, Walter Filho. Uma História do Negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BENTO, Maria Aparecida Silva: CARONE, Iray. Psicologia Social do Racismo: Estudo sobre a branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópoles; vozes, 2014.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. Etnias e culturas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro. São Paulo: record, 2000.

_____. Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. São Paulo: Globo, 2012.

LOPES, Ney. História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

MOORE, Carlos. Racismo e Sociedade: Novas bases epistemológicas para a compreensão do Racismo na História. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PROUS, André. O Brasil antes dos brasileiros: A pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: Revista Zahar.

RODRIGUES, Raimundo Nina. Os africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edeltein de Pesquisa Sociais, 2010.

SOUZA, Maria de Mello e. Africa e Brasil Africano. Sao Paulo: Atica, 2007.

SOUZA, Nelsa santos. Torna-se negro. Rio de janeiro: Graal, 1983.